

"PUNK GOES TO COLLEGE"¹ APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “O PUNK NA PESQUISA SOCIAL”

João Batista de M. Bittencourt

Universidade Federal de Alagoas
joao.bittencourt@ics.ufal.br

Tiago de Jesus Vieira

Universidade Estadual de Goiás
tiago.vieira@ueg.br

O Dossiê intitulado “O punk na pesquisa social” é o primeiro volume temático acerca da cultura punk, já produzido por um periódico científico nacional. Trata-se também da primeira publicação coletiva da Punk Scholars Network Brasil, rede formada por pesquisadores e pesquisadoras oriundos(as) de diferentes instituições do país, que se dedicam a refletir sobre o punk enquanto fenômeno social, político e cultural. Tais fatores, em certa medida, simbolizam a consolidação das temáticas relativas ao universo punk nas pesquisas desenvolvidas no bojo da universidade. Nesse sentido, cabe aqui inicialmente, fazer um breve histórico da trajetória desse campo de investigação, bem como posteriormente explicitar as bases epistemológicas nos quais esses temas se alicerçaram.

A produção de trabalhos acadêmicos sobre o punk não é algo recente e muito menos um “modismo intelectual”, como algumas mentes mais ortodoxas poderiam supor, ela começou a despontar na década de 70, a partir de pesquisas desenvolvidas pelo Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS) da Universidade de Birmingham, espaço que colaborou de maneira decisiva para a produção e difusão de um campo de investigação de caráter interdisciplinar que ficara conhecido como “*Cultural Studies*”. Reunindo diferentes perspectivas teóricas como o feminismo, o estruturalismo e o marxismo, as pesquisas do CCCS se propunham a olhar para as manifestações culturais das classes

¹ O título faz alusão ao emblemático álbum “Milo Goes to College”, da banda punk californiana Descendents, lançado em 1982.

populares sob uma perspectiva crítica, percebendo estas como respostas simbólicas dos grupos subalternizados às contradições de classe. As práticas juvenis passaram a ter um status diferenciado na Inglaterra do pós-guerra, servindo como um objeto privilegiado para a observação de mudanças no plano econômico, cultural e dos costumes. Jovens das classes populares que na primeira metade do século XX eram percebidos quase que exclusivamente sob a marca da delinquência, passaram a ser vistos por estudiosos como atores que expressavam seu descontentamento por intermédio de identidades espetacularizadas. Ao lado de grupos como *Mods*, *skinheads* e *Rockers*, o punk rapidamente ganhou visibilidade e atenção da mídia, ora sendo percebido como uma ameaça a ordem social e ao status quo vigente, ora sendo celebrado como a nova “moda jovem”, uma tendência no mercado de estilos. Para os pesquisadores e pesquisadoras ligados ao CCCS, as subculturas² juvenis seriam expressões de uma tensão “entre os que estão no poder e aqueles que estão condenados a posições subordinadas³”, e o punk expunha essa condição de maneira intensa, seja através do visual agressivo, seja através do discurso antiestablishment.

No Brasil, o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa sobre o punk surgiu ainda nos primeiros anos da década de 80. Embora o primeiro trabalho bibliográfico acerca desse fenômeno jovem tenha sido produzido fora da universidade, pelo jornalista Antônio Bivar, para integrar a coletânea *Primeiros Passos*, dando origem em 1982 a obra “O que é Punk”, a primeira pesquisa propriamente acadêmica foi apresentada no ano seguinte, tratando-se do trabalho de conclusão de curso, desenvolvido no curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, o “*Absurdo da Realidade: O movimento Punk*”, de Helenrose Aparecida da Silva Pedroso e Heder Augusto de Souza.

É importante destacar que, na década de 1980, temas relativos ao universo jovem eram tidos por significativa parcela dos historiadores (VAINFAS, 2009, p.225) como temas reacionários. Na Sociologia, por sua vez, a juventude era lida sob a ótica do

² É importante destacar que o conceito de subcultura recebeu diferentes tratamentos dos intelectuais estadunidenses e britânicos. Nos EUA o conceito esteve ligado às chamadas “teorias da delinquência”, que percebiam esses pequenos grupos como desviantes, por não se enquadrarem às normas tradicionais da vida social. Na Inglaterra, as subculturas ganharam uma conotação “positiva”, sendo apresentadas como expressões da resistência juvenil à cultura dominante.

³ “Subcultures are therefore expressive forms but what they express is, in the last instance, a fundamental tension between those in power and those condemned to subordinate positions and second-class lives”. Cf. HEBDIDGE, Dick. **Subculture: The Meaning of Style**. London: Routledge, 2002, p.132.

funcionalismo ou do marxismo. Se por um lado buscava-se "resolver" o problema dos jovens discutindo a integração destes na sociedade mais ampla, por outro, as questões referentes às culturas juvenis eram percebidas como expressões de um "individualismo burguês" de "caráter alienante". Tal panorama praticamente inviabilizava a produção de obras destinadas a compreensão do *punk* com maior densidade nesses dois campos do conhecimento, sendo que, foi na Antropologia Social que o tema encontrou relativo espaço. A Dissertação de Mestrado, "*Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub*", de Janice Caiafa Pereira (1985a), defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi um marco nos estudos sobre o punk no Brasil, sendo publicada em livro homônimo também no mesmo ano pela Jorge Zahar Editora (1985b).

Contudo, mesmo na década seguinte, 1990, tal temática ainda não despertava massivo interesse dos pesquisadores. Embora possamos destacar impactantes trabalhos que, direta ou indiretamente, trouxeram significativas contribuições para os estudos sobre o punk no Brasil.

Nesse cenário, destacaram-se a tese de autoria de Márcia Regina da Costa intitulada "Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno", e três dissertações "Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de atuação social" produzida por Helena Wendel Abramo, "Grupos de estilo jovem: O Rock Underground e as práticas (contra)culturais dos grupos punks e trashes em São Paulo" de Kênia Kemp, e "*Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996*" com autoria de Rafael Lopes de Sousa. É importante destacar que nesse período as chamadas culturas juvenis se consolidaram definitivamente como um objeto de estudo a ser investigado por sociólogos(as) e antropólogos(as) no país. Além do punk, manifestações como o funk e o rap passaram a ganhar atenção de estudiosos como elementos decisivos na formação das identidade dos jovens. Entre as produções, elencamos os trabalhos "Abalando os anos 90 - funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural", de Micael Herschmann (1997), "Cartografias da cultura e da violência - gangues, galeras e o movimento hip-hop", de Glória Diógenes (1998) e "Gangues, galeras, chegados e rappers", de Miriam Abramovay & Julio Jacobo Waiselfisz (1999).

Já a partir da virada para o século XXI, em decorrência do aumento significativo dos programas de pós-graduação e linhas de pesquisa, que influenciaram na variabilidade e amplitude dos temas a serem investigados, assistimos a expansão dos estudos sobre culturas jovens, condição fundamental para que as pesquisas sobre o punk no Brasil continuassem seu processo de amadurecimento, desta vez, caracterizado pela abertura no leque das investigações que, entre outras coisas, passaram a dar maior ênfase aos conflitos envolvendo a constituição da identidade punk.

Dentre os trabalhos desenvolvidos nesse período, destacamos as seguintes investigações: “Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural *anarco-punk*” e “Cotidianizando a utopia: Um estudo sobre a organização das atividades culturais e político-sociais dos *anarco-punks* em João Pessoa”, de Yuriallis Fernandes Bastos; “Enterrado vivo: Identidade *Punk* e Território em Londrina” e “Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes sociabilidade”, de Nécio Turra Neto e “O começo do fim do mundo: as artes de viver do punk em Curitiba na década de 1990” e “‘Deslocados, Desnecessários’: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990-2000)”, de Everton de Oliveira Moreira.

Nesse panorama, cabe ainda pontuar, que na última década (2011 a 2020), manteve-se este processo de crescimento, este acompanhado de sistemática entrada de novas abordagens analíticas, com especial destaque àquelas de orientação pós-estruturalista, pós-colonialista e decolonialista, que, por sua vez, imprimiu nas pesquisas novas possibilidades analíticas e maior variabilidade temática.

De modo que, um dos subcampos mais proeminentes, nesse período, foi o das investigações relativas à gênero e sexualidade na cena *punk*, que resultou na produção da tese de doutorado de Gabriela Miranda Marques “(Re) invenção do anarcofeminismo: anarcofeministas na cena punk (1990-2012)”, e das dissertações de mestrado de Flávia Lucchesi “Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra”, Fernanda Gomes Rodrigues “O grito das garotas” e Gabriela Cleveston Gelain “Releituras, Transições e Dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil”, além do emblemático artigo “O Punk não é só para o seu Namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl” de autoria de Eliza Bacheга Casadei.

Além do *Riot Girl*, outro desdobramento da cultura punk que recebeu atenção de pesquisadores e pesquisadoras nesse período foi o *straight edge*⁴, estilo de vida jovem forjado no seio da cultura punk estadunidense e cuja as principais características são o boicote a indústria das drogas e aos produtos de origem animal. Merecem destaque a tese de doutorado "Nas encruzilhadas da rebeldia: uma etnografica dos straightedges em São Paulo (2011)"⁵, de João Batista de Menezes Bittencourt e que fora defendida no curso de Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas e as seguintes dissertações: "Contestação, comunicação e consumo: a cena straight edge brasileira"(2011) de Denise de Paiva Costa Tangerino, defendida no Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da ESPM e "Straight edge: uma genealogia das condutas na encruzilhada do punk"(2015) de Wallison Pereira Fernandes, defendida no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.

Poderíamos citar outros trabalhos, mas, para fins de introdução aos estudos sobre o punk no Brasil, acreditamos que esses são suficientes para espelhar um pequeno estado da arte sobre o tema. Dando continuidade a apresentação do dossiê "O Punk na pesquisa social", faremos uma breve descrição dos artigos que compõem esse número. Abrindo o dossiê temos o texto "**Batalhas sem heróis. A metamorfose do Punk na sociedade brasileira contemporânea**", de Edson de Alencar e Paula Guerra. O autor e autora apresentam uma panorama do Punk no Brasil em diálogo com o chamado "sul global", discutindo as transformações nesse estilo de vida ao longo das décadas, destacando a ressignificação das pautas e narrativas a partir das experiências de militâncias contemporâneas. Além de entrevistas com pessoas ativas na cena, a dupla lança mão da análise das letras de músicas que versam sobre temas como: machismo, racismo, lgbtqia+fobia, como também da violência contra povos indígenas.

⁴ O primeiro trabalho acadêmico produzido sobre o estilo de vida straightedge no país foi a dissertação de mestrado intitulada "Os straight edges e suas relações com a alteridade na cidade de São Paulo", de Bruna Mantese de Souza. Cf. SOUZA, Bruna Mantese de. **Os straight edges e suas relações com a alteridade em São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2006.

⁵ Em 2015 a tese foi publicada pela editora Anablumme com o título "Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografica dos straightedges em São Paulo". Cf. BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografica dos straightedges em São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2015.

Na sequência temos o artigo de Rodolpho Jordano Netto intitulado **“Os squatts/okupas anarcopunks no Brasil: territórios de criação e (con)vivência da cultura e sociabilidade libertária”**. Nesse trabalho o autor analisa a partir de uma metodologia de pesquisa militante as experiências de sociabilidade vivenciadas em três okupas/squatts localizados no estado do Rio Grande do Sul, são eles: 171, Viúva Negra e Pandemia. Além de nos apresentar as formas de organização e divisão de tarefas nesses espaços, o geógrafo mostra como estes propõem rupturas com uma lógica de habitar a cidade fortemente centrada na dicotomia público/privado.

O texto **“Dominação e Rebelião - ascensão e queda do mito das classes médias estadunidenses e o punk como movimento de resgate de Eros”**, de Hellen Oliveira, mostra como a ascensão do punk nos Estados Unidos andou de mãos dadas com o declínio do "mito da classe média". Partindo de uma análise sociológica e historicamente orientada, a autora defende o argumento de que a sonoridade punk expressou (e expressa) insatisfações oriundas de um "sentimento de classe" compartilhado pelos agentes. Inspirada pelas ideias de Herbert Marcuse, a socióloga resgata o conceito de “eros” para classificar o princípio que está na base do desejo de contestação dos punks.

Já no artigo **“Memória e identidade punk nos extramuros de Brasília”**, Moacir Oliveira de Alcântara, nos apresenta as múltiplas narrativas dos sujeitos punks oriundos de regiões periféricas do Distrito Federal. Valendo-se de uma abordagem com prisma historiográfico, o referido autor explora as memórias e identidades dos sujeitos punks inseridos nos territórios “geográfico e simbólico das cidades-satélites” nas décadas de 1980 e 1990.

De autoria de Leonardo Brandão e Fernando Lucas Garcia de Souza, temos o artigo **“Efêmero, Doente e Equivocado: Representações sobre o Punk na Revista Veja (1977 – 1985)”**, que buscou analisar as representações deste *punk* na mídia impressa, especialmente, na revista *Veja*, visando compreender a maneira como este veículo de comunicação de massas representou a subcultura do punk para seus leitores, tomando como recorte temporal o momento de ascensão deste movimento, o qual coincide com os últimos anos do regime militar.

Por sua vez, no texto **“GO GIRLS: As mulheres no punk underground de Curitiba”**, Carolina de Andrade Cardoso apresenta seu relato de observação participante em ensaios e shows de quatro bandas punk/garage rock de mulheres na capital

paranaense, problematizando como se desenvolve os processos de troca e compartilhamento, centrando-se, especialmente, nos espaços de ensaios e shows com bandas de vários subgêneros do rock, a fim de mostrar as potencialidades da referida cena *underground*.

Adiante, Maiara Rodrigues dos Santos Silva em “**A violência de gênero pelas vozes do punk dos anos 90: análise comparativa entre o Brasil e a Argentina**”, empreende uma análise discursiva comparativa da temática da violência de gênero nas letras de bandas de punk, identificadas com o feminismo, no Brasil e na Argentina durante a década de 1990. Tal contexto, por sua vez, é justificado pela ascensão de movimentos como: o Riot Grrrl e o Anarcofeminismo, num contexto de inflexão aos valores de liberdade e diversidade, após longos períodos de ditadura civil-militar. Nessa linha, tais discursividades foram problematizadas levando em consideração tais idiosincrasias históricas e sociais inerentes nas composições punks de cada um dos dois países analisados.

No artigo “**Memórias da Cena Riot Grrrl no Brasil: releituras de mulheres no punk feminista contemporâneo**”, Gabriela Cleveston Gelain procura estabelecer uma recapitulação do movimento do *Riot Grrrl* no Brasil, apresentando algumas das memórias das mulheres envolvidas nesta cena, explorando as dissidências e especificidades da realidade latino-americana. Fruto de pesquisa empírica, realizada entre os anos 2015 e 2016, a pesquisadora procura demonstrar como a cena *Riot Grrrl*, constitui-se a partir de diversas interpretações.

Ao passo que, no texto “**Acervo Punk: colecionismo, memórias e resistências**”, Antônio Carlos de Oliveira e João Augusto Neves Pires desenvolvem um amplo debate acerca da constituição da preservação das memórias de resistência cultivadas no meio *punk*, seja por meio das práticas de colecionismo ou da estruturação por meio de acervos. Para tal, os destacados historiadores, expõe os desejos e os percalços que levaram a formação do Acervo Movimento Punk atualmente preservado no Centro de Documentação e Informação Científica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Finalizando o dossiê temos o artigo “**Participación de la escena punk en el paro de Bogotá (2019-2020)**” produzido por Minerva Campion e Carlos Alberto Escobar. A partir de uma visão “de perto e de dentro”, a autora e os autores apresentam os repertórios de ação coletiva colocados em prática pelos punks em Bogotá, durante a greve nacional

na Colômbia. Os dados apresentados no artigo foram extraídos de entrevistas com pessoas que participaram das mobilizações, como também de matérias divulgadas pela imprensa e pelas redes sociais.

Encerramos essa apresentação com o sentimento de que esse dossiê será o primeiro de outros a serem publicados. Que ele possa inspirar pesquisadores e pesquisadoras a desenvolver monografias, dissertações, teses e artigos sobre o punk no país. Desejamos uma excelente leitura à todxs!

Up the Punk!

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Grupos juvenis nos anos 80 em São Paulo: um estilo de atuação social**. 1992. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ABRAMOVAY; Miriam; WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Gangues, galeras, chegados e rappers**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. **Cotidianizando a utopia - Um estudo sobre a organização das atividades culturais e político-sociais dos anarco-punks em João Pessoa**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

_____. **Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2004. Disponível em: CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 284-433. <<http://www.cchla.ufpb/caos>>. Acesso em: 20 set. 2006.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografando dos straightedges em São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2015.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub**. 1985. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985a.

CAIAFA, Janice. **Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985b.

CASADEI, Eliza Bachea. O Punk não é só para o seu Namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. **Música Popular em Revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 197 – 214, 2013.

COSTA, Márcia Regina da. **Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. 1992. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1992.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e movimento hip-hop**. São Paulo: Annablume, 1998.

FERNANDES, Walisson Pereira. **Straight Edge: uma genealogia das condutas na encruzilhada do punk**. 2015. Dissertação (Mestrado em Política), Programa de Pós-Graduação em Política, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

GELAIN, Gabriela Cleveston. **“Releituras, Transições e Dissidências da Subcultura Feminista Riot Grrrl no Brasil”**. 2017, Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2017.

HERSCHMANN, Micael (Org.). **Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: The Meaning of Style**. London: Routledge, 2002

KEMP, Kenia. **Grupos de Estilo Jovens: o “Rock Underground” e as práticas (contra) culturais dos grupos “punks” e “trashs” em São Paulo**. 1993. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

LUCCHESI, Flávia. **Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra**. 2015, Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

MARQUES, Gabriela Miranda. **(Re) invenção do anarcofeminismo: anarcofeministas na cena punk (1990-2012)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2016.

MORAES, Everton de Oliveira. **“Deslocados, Desnecessários”: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990-2000)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2010.

PEDROSO, Helenrose Aparecida da Silva; SOUZA, Heder Cláudio Augusto de. **Absurdo da Realidade: O Movimento Punk**. Coleção Cadernos IFCH Unicamp n. 6. Campinas: Editora Unicamp, 1983.

RODRIGUES, Fernanda Gomes. **O grito das garotas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2006.

SOUZA, Bruna Mantese de. **Os straight edges e suas relações com a alteridade em São Paulo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2006.

SOUZA, Rafael Lopes de. **Punk: cultura subversiva e protesto, as mutações ideológicas de uma comunidade subversiva – São Paulo 1983/1996**. 1997. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 1997.

TANGERINO, Denise de Paiva Costa. **Contestação, comunicação e consumo: a cena Straight Edge brasileira**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo), Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2011.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado mas ainda vivo!: Identidade Punk e Território em Londrina**. 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2001.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. **História: Questões e Debates**, Curitiba, n. 50, p. 217-235. jan./jun. 2009.

SOBRE OS AUTORES

João Batista de M. Bittencourt

Professor Adjunto IV vinculado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Atua no curso de graduação em Ciências Sociais e nos Programas de Pós Graduação em Sociologia e Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas. Possui Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (2004), Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2007) e Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2011). É líder do grupo de pesquisa LABJUVE - Laboratório das Juventudes e membro fundador da REAJ - Rede de estudos e pesquisas sobre ações e experiências juvenis. É coordenador da Rede Punk Scholars Network Brasil e autor do livro "Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografia dos straightedges em São Paulo (Annablume, 2015). Tem experiência nas áreas de Ciências Sociais, com ênfase em Sociologia e Antropologia da Juventude, Sociologia e Antropologia do Corpo e Sociologia e Antropologia Urbana. Atuando principalmente nos seguintes temas: Culturas Juvenis, Cenas musicais, Sociabilidades em contexto de festa e lazer, Corpo, emoções e políticas de subjetividade, Dinâmicas da masculinidade.

Tiago de Jesus Vieira

Docente de História Moderna e Contemporânea da Universidade Estadual de Goiás, Campus Oeste, pertencente ao quadro efetivo de professores. Possui Graduação em História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2008), Mestrado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2012), Doutorado em História pela Universidade Federal de Mato Grosso (2017). Pertence ao Corpo Docente do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás, Campus Sudeste. Pesquisador da Punk Scholars Network Brasil, do Núcleo de Estudos de Cultura e Identidades (NECI) e do Laboratório de Estudos de Memória Patrimônio e Ensino de História (ETRÚRIA). Tem experiência na área de História e Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Identidade Punk, Historiografia, Jogos Eletrônicos, Relações de Poder e Memória.